

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT21.038

DIALOGANDO SOBRE FORMAÇÃO CONTINUADA A PARTIR DAS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE JUAZEIRINHO/PB

Milene Trajano da Silva¹
Josué Barreto da Silva Júnior²

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar as concepções das professoras das séries iniciais acerca da formação continuada docente e suas contribuições para a melhoria da atuação profissional. A partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9394/1996, a formação continuada de professores ganhou destaque, pois passou a ser um dos elementos que compõem a política de valorização dos profissionais da educação escolar, prevendo a garantia do aperfeiçoamento docente, como uma das obrigações do poder público. Nesse sentido, com base na referida lei e nas políticas neoliberais instauradas no Brasil a partir da segunda metade da década de 1990, o Ministério da Educação criou programas nacionais de formação continuada voltados para docentes das séries iniciais. Diante disso, torna-se relevante refletir sobre esse tema, a partir da visão das professoras que estão nas escolas públicas e são chamadas a participar desses momentos formativos. A pesquisa teve como aporte teórico as seguintes referências: Oliveira (2012), Silva (2011; 2018), ANFOPE (1998), entre outros. No que diz respeito aos resultados, foi identificado no relato das respondentes a percepção da formação continuada como algo positivo e necessário para o exercício da profissão docente. Três concepções de formação continuada predominaram na fala das entrevistadas: 1) a formação continuada como um momento de acessar novos conhecimentos e/ou

1 Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora da Educação Básica, mtsmilene@gmail.com.

2 Doutor em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor da Educação Básica, josuebarretojunior@gmail.com.



informações ainda não acessadas pelo professor para a melhoria de sua prática em sala de aula; 2) a formação continuada como momentos de complemento e atualização das propostas de ensino; 3) a formação continuada como o oferecimento de cursos voltados para a aprendizagem de conhecimento práticos, de metodologias que materializam aquilo que já se sabe na teoria. O estudo mostrou ainda que, para as docentes, a formação continuada contribui para a atuação profissional, tendo em vista que ela auxilia na melhoria da prática pedagógica.

Palavras-chave: Formação docente, Formação continuada, Concepções de formação, Políticas de formação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as concepções das professoras das séries iniciais acerca da formação continuada docente e suas contribuições para a melhoria da sua atuação profissional.

No Brasil, a partir da aprovação da Lei nº 9394/96, de 21 de dezembro de 1996, que definiu as diretrizes e bases da educação nacional, foram instituídos pelo governo federal vários programas de formação continuada de professores. A referida lei estabeleceu a formação continuada como um dos elementos que compõe a política de valorização dos profissionais da educação escolar, prevendo a garantia do aperfeiçoamento docente como uma das obrigações do poder público, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim e estabelecendo, também, período reservado a estudos, planejamento e avaliação incluído na carga horária de trabalho (Brasil, 1996).

De acordo com Gatti (2008), a partir dos anos finais da década de 1990, os debates realizados em torno das novas disposições da LDB nº 9394/96, os esforços para a sua implementação nos três níveis da administração da educação no país, a ampliação das pressões das redes de ensino e de sindicatos de professores, entre outros fatos, impulsionaram a ampliação de iniciativas de formação continuada de professores, com base na criação de programas das mais variadas naturezas e formatos, a exemplo de programas como o Proformação (1999), Parâmetros em Ação (1999), Pró-Letramento (2005), Programa de Apoio à Leitura e à Escrita - PRALER (2003) e o Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar - GESTAR II (2004).

Na segunda década dos anos 2000, outro programa de destaque e de amplo alcance nacional foi o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), instituído em 2012 no governo de Dilma Rousseff. Esse programa foi implementado nos municípios brasileiros em 2013 e encerrado em 2017, durante o Governo de Michel Temer. O fim do Pnaic marcou também o início de uma fase de suspensão de programas dessa natureza e dos outros citados anteriormente, pois a formação continuada deixou de ser prioridade na agenda dos governos posteriores a esse momento.

É relevante destacar que a formação continuada passou a ser considerada, por um lado, um elemento de valorização dos profissionais da educação e, por outro, uma ferramenta para a melhoria dos índices educacionais. Essa dupla

perspectiva, contudo, gerou a expectativa de que a formação fosse capaz de resolver problemas históricos da educação.

Diante disso, consideramos relevante refletir sobre esse tema posto aqui em destaque, a partir da visão das professoras da escola pública que são chamadas a participar desses momentos formativos.

O estudo foi realizado tendo como referência entrevistas semiestruturadas realizadas com 10 professoras que integraram como cursistas a formação do Pnaic, no período de 2013 a 2017.

Para o cumprimento do objetivo deste artigo, o presente texto está estruturado da seguinte maneira: a primeira seção traz esta breve introdução; a segunda, a metodologia do trabalho com os procedimentos adotados na pesquisa, juntamente ao perfil das professoras entrevistadas; a terceira, uma fundamentação teórica acerca do tema estudado; a quarta, os resultados e discussões das entrevistas realizadas. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas neste trabalho.

METODOLOGIA

O estudo teve como base entrevistas semiestruturadas realizadas em 2018 e 2019 com 10 professoras da rede municipal de Juazeirinho/PB que participaram do Pnaic. Todas as participantes são do sexo feminino com vínculo efetivo na rede e 90% delas possuem nível superior em Pedagogia, exceto uma (10%) que, embora estivesse cursando a graduação, atuava com a formação obtida pelo Logos II.

Todas as entrevistadas possuem curso de especialização na área da educação ou em áreas afins. Em relação ao tempo de atuação no magistério, 50% possuem de 12 a 16 anos de exercício e 20% possuem menos de 10 anos. Estas são as que possuem o menor tempo de atuação como docente. Já 20% possuem de 20 a 23 anos e, por fim, uma professora, que representa 10%, possui mais de trinta anos de atuação. Esta última aposentou-se no final do ano letivo de 2016³.

As docentes atuavam em diferentes turmas do ensino fundamental. Uma delas ministrava aulas para o 1º ano, enquanto três trabalhavam com o 2º ano e duas com o 3º ano. Havia ainda uma professora responsável por uma turma

3 No período de realização das entrevistas a referida professora já estava aposentada.

do 5º ano, outra pela sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e uma última que lecionava tanto para o 6º quanto para o 7º ano do Ensino Fundamental. Ademais, no que diz respeito ao local de atuação, cinco das entrevistadas estavam lecionando na zona urbana e quatro na zona rural.

Das docentes entrevistadas, oito informaram já ter participado de algum programa de formação continuada. Desse total, quatro integraram a formação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação (PCNs), oferecida pelo MEC e coordenada pela Secretaria Municipal de Educação de Juazeirinho, no ano de 1998. Seis respondentes cursaram o Pró-Letramento (2003) e, ainda considerando o universo das entrevistadas, uma participou do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, por meio de aulas ministradas por uma consultoria de educação de natureza privada.

Foi verificado que 30% das professoras entrevistadas já participaram de pelo menos dois programas de formação continuada, a formação dos PCNs em ação e o Pró-Letramento. Para 20% das respondentes o Pnaic foi o primeiro curso de formação continuada realizado.

Para preservar a identidade das respondentes foram utilizados nomes fictícios para se referir a elas. Por se tratar de um estudo envolvendo seres humanos, essa pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa e obteve aprovação por meio do Parecer nº 2. 918.587

Para a análise das entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), consiste em um conjunto de técnicas de análises das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

REFERENCIAL TEÓRICO

CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ALGUMAS PONTUAÇÕES SOBRE O TEMA

Antes de apresentarmos a análise das entrevistas, contextualizamos o estudo com um breve panorama teórico sobre a formação continuada docente. Para tanto, abordamos a seguir algumas concepções defendidas por diversos autores, as quais serviram como base para a discussão dos resultados.

Na visão de Cavalcante (2007), formação continuada é aquela que se dá ao longo da carreira profissional após a aquisição da certificação profissional inicial. O autor destaca que não concebemos essa formação somente a partir do acúmulo de cursos ou eventos de formação; mas, sobretudo, com reflexões sobre a própria prática, reflexões estas articuladas com as dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais mais amplas em que a prática se insere. Assim, formação e prática fazem parte de um mesmo processo, pois são interdependentes (Cavalcante, 2007).

A autora defende uma concepção de formação que vai além da participação de cursos ou momentos formais e institucionalizados. Traz uma noção mais ampla de formação, em que as reflexões sobre a prática proporcionadas pelas vivências da profissão docente também são elementos formativos, considerando inclusive as dimensões que estão imbricadas nessas vivências (dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais).

De acordo com a ANFOPE, a formação continuidade deve ser entendida como uma continuidade da formação profissional, proporcionando novas reflexões sobre as ações profissionais e novos meios para aprimorar e desenvolver o trabalho pedagógico. Segundo essa visão, ela deve ser um processo de construção permanente do conhecimento e desenvolvimento profissional, a partir da formação inicial. Deve ser vista como uma proposta mais ampla, de hominização, na qual o homem integral, produzindo-se a si mesmo, também se produz em interação com o coletivo (ANFOPE, 1988). A referida entidade defende uma formação que tem como base a proposta da hominização, na qual o professor simultaneamente se desenvolve integralmente tanto a partir de si mesmo como em interação com os seus pares.

Conforme essa mesma perspectiva, Oliveira (2012) propõe que a formação continuada esteja associada ao exercício profissional do magistério, possibilitando a atualização, o aprofundamento, a complementação e a ampliação dos conhecimentos profissionais, os quais permitem ao professor, inclusive, ascender na carreira. Deve ser capaz também de fundamentar o docente para contribuir para o desenvolvimento de projetos político-pedagógicos da instituição em que atua.

Para Silva (2011), a formação de professores é um processo contínuo de desenvolvimento pessoal, profissional e político-social, que não se constrói em anos de curso, nem tampouco pelo acúmulo de cursos, técnicas e conhecimentos, mas pela reflexão coletiva sobre o trabalho, sua direção, seus meios e fins,

antes da e durante a carreira profissional. A autora argumenta acerca da necessidade de um modelo de formação que supere a racionalidade técnica e a epistemologia da prática e defende uma proposta de formação crítico-emancipadora em que o professor tenha acesso a uma formação baseada no princípio da relação entre teoria e prática. Enfim, defende uma formação que considere o professor como um trabalhador docente, que valorize a função docente de “ensinar” e ofereça a pesquisa como um elemento desse processo.

Alinhado com os autores apresentados, este estudo defende uma formação de professores que adote uma perspectiva crítico-emancipadora. Essa formação deve ser contínua, oferecida pelo poder público, e possibilitar a construção permanente de conhecimentos teóricos e práticos. É fundamental ainda que essa formação esteja ancorada na práxis e que sejam garantidas condições adequadas para o exercício da docência, tanto em termos materiais quanto institucionais.

Desse modo, este trabalho considera o professor como um intelectual e não como um mero executor de práticas. Ao esclarecer o conceito de intelectual conforme o pensamento de Gramsci, Coutinho (2011) pontua que todos os homens são intelectuais, mas nem todos ocupam na sociedade a função de intelectuais. O autor esclarece que todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo e organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no campo social e político (Coutinho, 2011).

Coutinho (2011) afirma que o intelectual age como tal quando utiliza a sua capacidade dirigente e técnica. Levando em consideração o conceito de intelectual defendido por Gramsci, podemos dizer que o professor tem na sociedade um papel de intelectual, pois ele tem uma função social e essencial. Nesse sentido, consideramos a formação inicial e continuada (bem como a concepção de formação subjacente dessa formação) como um fator decisivo para se formar um professor intelectual e conscientizá-lo sobre esse seu papel na sociedade, direcionando-o a atuar a favor de um determinado grupo, seja ele o grupo hegemônico ou a classe à qual ele está organicamente ligado, ou seja, a classe popular.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, inicialmente apresentamos as concepções de formação continuada das professoras entrevistadas e, em seguida, a visão das professoras sobre as contribuições dos momentos de formação para a atuação profissional docente. As falas dos sujeitos da pesquisa foram organizadas levando em consideração os critérios de similaridade e frequência das respostas (Bardin, 1977).

1. CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO CONTINUADA NA ÓTICA DOCENTE⁴

Em conformidade com 20% das entrevistadas, formação continuada é o momento de **acrescentar novas aprendizagens, informações ainda não acessadas pelo professor** em outros momentos formativos da sua vida profissional. Deve oferecer uma preparação para a prática, mas não somente para ela, deve oferecer também uma preparação para a carreira profissional. As falas abaixo revelam a opinião das professoras nesse sentido:

Então, no meu entender, a formação continuada seria isso, aquela que nos acrescenta algo novo e não simplesmente repete o que a gente já estudou na faculdade ou em outras formações” (Professora Ana).

[...] É trazer algo novo para o professor, alguma coisa diferente que ajude a melhorar a sua prática em sala de aula, porque sempre a gente tem dificuldade com alguma coisa, então, eu acho de suma importância ter essas [...] capacitações [...] (Professora Estela).

A respostas das entrevistadas evidenciam a compreensão de formação continuada como momentos de busca por conhecimentos novos para o aperfeiçoamento da prática pedagógica. Na visão delas, não deve ser priorizado conhecimento já compreendido. A visão das professoras nos remete parcialmente à compreensão de Oliveira (2012), que destaca que a formação continuada deve estar associada também à complementação e à ampliação dos conhecimentos profissionais, possibilitando inclusive ao professor ascender na carreira.

4 Esta dimensão de análise foi criada a partir do seguinte questionamento: o que é formação continuada?

Ainda em relação à fala das professoras citadas, Ana e Estela, embora se reconheça a importância da aprendizagem de novos conhecimentos nos momentos formativos da carreira docente, deve-se lembrar que o conhecimento que já se tem deve ser valorizado também, pois muitas das compressões das teorias e práticas apreendidas necessitam de um conhecimento prévio que deve ser rememorado. Assim, no processo de aprender, os conhecimentos muitas vezes estão interligados.

Para 50% das entrevistadas, a formação continuada refere-se a **momentos de complemento, de atualização das propostas de ensino do professor**, ou seja, da sua prática docente, diante das mudanças ocorridas na educação. Essa atualização se faz necessária, segundo elas, para o enfrentamento de desafios educacionais que vão emergindo. A seguir, o depoimento das respondentes expõe esse pensamento:

A formação continuada vem para o professor cuidar dos seus conhecimentos [...] então, a formação continuada vem para reforçar, vem para apoiar o professor para que ele se torne atualizado (Professora Helena).

Formação continuada no meu ponto de vista ela serve como um mecanismo para atualizar o profissional nas dificuldades [...] (Professora Marina).

Formação continuada é estar se preparando, se atualizando para desenvolver uma boa prática na sala de aula. (Professora Cecília).

As falas das entrevistadas revelam a compreensão de formação continuada como os momentos voltados para atualizar o professor. Essa compreensão se aproxima da noção de Oliveira (2012), que propõe a ideia de formação continuada para atualização e aprofundamento.

Observamos na fala das entrevistas mencionadas anteriormente uma forte ideia de que a formação continuada deve preparar ou adaptar o docente para as mudanças que ocorrem na educação e na sociedade. Nesse sentido, são as mudanças que demandam o que o professor necessitaria aprender. As falas a seguir confirmam essa ideia:

Ela [a formação] é necessária para que a gente venha tá [sic] se adaptando, né, as mudanças que vem acontecendo na educação e que a gente venha tá [sic] interagindo de maneira mais eficaz [...] (Professora Letícia).

Formação continuada é esse aprimoramento que a gente faz [...] no conhecimento profissional, porque você veja a sociedade ela é muito dinâmica e o contexto social ele muda, vamos dizer assim, praticamente todos os dias. Então a gente tem que saber, vamos

dizer assim absorver essa mudança e colocar essa mudança em prática, né? (Professora Amanda).

As respostas das professoras se aproximam da concepção de Gomes e França (2014), os quais afirmam que a formação continuada é importante em decorrência especialmente das mudanças sociais, econômicas e culturais que despontam de modo avassalador em todo o mundo e, conseqüentemente, aumentam as demandas da escola e da prática docente de maneira bem diversificada (Gomes; França, 2013). Importante lembrar que as formações devem estar preocupadas com o contexto geral, uma vez que a escola faz parte de uma totalidade maior e não pode ficar alheia às mudanças que vão se concretizando. Porém, também se faz necessário colocar na agenda das formações o contexto local, que mesmo fazendo parte de uma totalidade, traz demanda peculiares e particulares, as quais necessitam ser levadas em consideração.

Para 30% das docentes, a formação continuada corresponde a cursos **que ampliam o conhecimento prático metodológico** daquilo que já se sabe sobre a teoria, com vistas a melhorar a prática em sala de aula.

A formação continuada ela ajuda pra [sic] que o professor busque mais conhecimento e se sinta mais, como eu quero dizer, com a bagagem maior. (Professora Alice).

Formação continuada é quando nós participamos de um curso que vai, é, abrir, ampliar, nosso conhecimento, dá um apoio para a nossa metodologia, pra [sic] nossa prática. Vai melhorar a nossa prática para aquilo que a gente já tem uma teoria (Professora Marta).

As falas das professoras evidenciam uma compreensão da formação continuada como um espaço para aprimorar a prática docente por meio da ampliação de conhecimentos práticos. Essa visão converge com a da ANFOPE, que destaca a importância da formação continuada para promover reflexões sobre a prática pedagógica e buscar novas formas de aprimorá-la. Cavalcante (2013) complementa essa discussão ao enfatizar que as reflexões sobre a prática docente devem considerar as dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais que a permeiam. Portanto, a formação continuada não deve se limitar à atualização técnica, mas sim promover uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica em um contexto mais amplo.

A professora Ana relatou que em sua visão a formação continuada “mune” o professor de boas metodologias e que isso é fundamental para o enfrenta-

mento dos problemas e das dificuldades que surgem em sala de aula. A fala destaca essa compressão da docente:

[a formação] eu acho que contribui principalmente na questão metodológica [...] porque se a gente, diante das dificuldades que a gente tem enfrentado, se a gente não tiver munido de uma boa metodologia, a gente. Digamos que, por exemplo, uma que eu tô [sic] enfrentado agora: indisciplina, né? Com uma boa metodologia a gente consegue driblar, né? a indisciplina. Mas, se eu não tenho, a tendência é eu desistir ou até mesmo adoecer, né?

Quantos professores, o estado dos professores que se desespera diante da indisciplina do aluno, né? Da falta de vontade, né, do aluno.

Então, se a gente não tiver uma boa metodologia pra [sic] lidar com ela, com essas dificuldades, a gente desisti. Ou adoece! (Professora Ana).

A afirmação da docente sobre a importância de uma metodologia adequada para a aprendizagem dos alunos é pertinente. No entanto, é fundamental ressaltar que a metodologia, por si só, não é a solução para todos os desafios enfrentados em sala de aula. Muitos problemas da escola e, logo, da sala de aula podem estar relacionados a fatores mais amplos, como as condições socioeconômicas da comunidade escolar, as políticas públicas educacionais e o contexto histórico-cultural. É importante evitar um discurso que sobrevalorize a metodologia como panaceia, pois isso pode levar à responsabilização exclusiva do professor por problemas que extrapolam sua esfera de atuação.

2. CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL⁵

Todas as entrevistadas destacaram a importância da formação continuada para o exercício da docência. Algumas respondentes associaram ainda esses momentos formativos à ideia de valorização, cuidado, apoio e incentivo. As falas listadas abaixo ilustram essa compreensão:

A formação continuada me fez crescer enquanto profissional” (Professora Marina).

É um incentivo a formação continuada para que a gente possa dar o melhor de si” (Professora Estela).

⁵ Esta categoria de análise foi criada a partir da análise do seguinte questionamento: como a formação continuada contribui para melhorar a sua atuação profissional?

Quando estamos em formação, a gente tá [sic] sempre pesquisando, tá [sic] sempre tentando melhorar o que a gente já prática [...]. Então quando a gente tem esse apoio, esse incentivo, a gente fica mais entusiasmado [...] (Professora Marta).

Para 60% das respondentes **a formação continuada contribui para a melhoria da metodologia em sala de aula** e conseqüentemente para o aprimoramento da prática pedagógica. As respostas destacadas abaixo comprovam essa afirmação:

Eu acho que ela [a formação continuada] contribui principalmente na questão metodológica [...]. Nas formações quando elas são uma formação para valer mesmo, elas trazem esse conhecimento, esse fortalecimento metodológico, né, que nos fortalece na diária [...] (Professora Ana).

Ela contribui de forma que melhorou a minha prática pedagógica, melhorou a minha questão do meu olhar acerca do aluno e expandiu os meus horizontes acerca das experiências. Me fez enxergar que eu podia mais em sala de aula (Professora Marina).

[...] quando a gente faz a capacitação, geralmente tem novas propostas, né, da questão didática de prática de ensino mesmo. Então a gente recebe essa informação e tenta modificar até alguma atitude que a gente, que não mais condiz com a necessidade (Professora Amanda).

Segundo 20 % das docentes **a formação continuada aperfeiçoa os métodos e metodologias já conhecidas, como também apresenta novos métodos e metodologias**. As falas destacadas a seguir expressam o entendimento das professoras:

Contribui com as atividades, com os métodos. Que as vezes eles apresentam uns métodos que a gente desconhece, ou então, eles aprimoram o que a gente já sabe, né? Então ele [a formação] já me ajudou muito nesse sentido (Professora Estela).

Eu acho que ela [a formação] contribui com a renovação, né? Com renovações, com mais métodos para ser aplicados em sala de aula (Professora Maria).

Conforme 10% das entrevistas, uma professora, **a contribuição da formação continuada está na oportunidade de experienciar vivências com os pares**, nas quais são aprendidas práticas pedagógicas (na prática). Essas práticas, por sua vez, são levadas para ser materializadas na sala de aula. A resposta abaixo revela a opinião da professora:

As formações pedagógicas para mim, elas contribuem mais por conta das vivências que nós temos nas formações continuadas, através de outros pedagogos, dos outros professores, que faz com que muitas vezes a gente tenha a nossas teorias, né, muitas vezes a gente dúvida de como colocar em prática, que é muita teoria nas formações. E nessas formações a gente tem muita vivência, né? com os outros professores também e a gente tem mais facilidade [...] (Professora Letícia).

Na fala da referida professora, existe uma supervalorização do conhecimento pragmático nas formações, ou conhecimento tácito, o qual, segundo Duarte (2010), corresponde ao conhecimento que se forma na ação, no pensamento que acompanha a ação e sobre a ação. Concordamos com Silva (2011) quando a autora aponta a necessidade de um modelo de formação que supere a racionalidade técnica e a epistemologia da prática. Defendemos nesse sentido uma concepção que supervalorize a prática associada à teoria, em que as duas têm igual relevância para o trabalho docente.

De acordo com a professora Cecília, novos conhecimentos surgem a partir do mundo globalizado e, diante disso, **a formação continuada contribui para atualizar o professor**, para trabalhar em sala esses conhecimentos com os alunos. A seguir, em destaque, a fala da docente mostra a sua opinião:

Com o sistema globalizado e com o surgimento contínuo de novos conhecimentos, a formação continuada me ajuda e continua me ajudando a estar sempre atualizada para o melhoramento da sala de aula, pois as crianças já trazem esse conhecimento social (Professora Cecília).

Mesmo predominando a visão positiva acerca da formação continuada para a atuação profissional, foram destacadas críticas sobre o tema. Para a professora Alice, embora os momentos formativos ampliem o conhecimento do professor, por vezes, eles são cansativos. “É um incentivo a formação continuada para que a gente possa dar o melhor de si. É cansativo, mas quando você volta para a sala de aula, após a formação você sente mais firmeza” (Professora Alice). Essa fala da professora nos faz pensar que muitas formações oferecidas nos municípios não estão dentro da carga horária semanal dos docentes, como deveria ocorrer. Desse modo, devido à participação nos cursos formativos, muitas vezes, é excedido o tempo de trabalho do professor, que geralmente já tem uma carga horária dobrada por estar vinculado a uma segunda escola, gerando uma intensificação do seu trabalho.

Outra crítica apontada por uma das entrevistadas foi sobre o efeito multiplicador das formações continuadas oferecidas pelo MEC. Segundo Freitas (2002), esse é um modelo que retoma uma ideia da década de 1970 já superada, a ideia de que professores das redes públicas de ensino passam por processos de formação e se transformam em formadores de professores, constituindo assim uma “cadeia” de formação.

Gatti e Barreto (2009, p. 202) nomeiam essa estrutura formativa de capacitação “em cascata”, na qual “[...] um primeiro grupo de profissionais é capacitado e transforma-se em capacitador de um novo grupo, que por sua vez capacita o grupo seguinte”. Gatti e Barreto (2009, p. 202) explicam que esse modelo tem se mostrado bastante significativo profissionalmente, no entanto tem sido pouco efetivo quando se trata de difundir os fundamentos principais em suas nuances, profundidades e implicações. A fala da professora traz uma crítica justamente ao esvaziamento que, na visão dela, é ocasionado por esse modelo de formação. A fala da respondente expõe essa compreensão:

A gente já teve a oportunidade de recentemente de passar por algumas formações continuadas, mas é bem relativo. As vezes vem do governo um projeto, mas quando vem chegar para nós vem de maneira as vezes bem, tão simplificada que acaba por não acrescentar muito, nada de novo (Professora Ana).

Observamos que nenhuma respondente apontou como contribuição da formação docente a possibilidade de realizar estudos de cunho teórico para articulá-los à prática e possibilitar assim uma práxis efetiva em sala de aula. Notamos ainda nas falas o predomínio de uma supervalorização ou uma necessidade de as formações continuadas estarem a serviço de uma capacitação do professor para um trabalho mais prático ou pragmático.

Diante do exposto, reforçamos aqui que defendemos uma formação continuada baseada na concepção crítico-emancipadora, isto é, uma formação que possibilite uma construção de conhecimento teórico-prático, na perspectiva da práxis; pois, no nosso entendimento, é uma formação nesses moldes que torna possível a formação de um docente crítico, reflexivo, capaz de atuar em prol da educação crítica e emancipadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este estudo, retomamos o objetivo geral, que consistiu em analisar as concepções das professoras das séries iniciais acerca da formação continuada docente e suas contribuições para a melhoria da atuação profissional. Esta investigação teve como enfoque as seguintes dimensões: concepções de formação continuada segundo a ótica docente e contribuições da formação continuada para a atuação profissional.

A pesquisa teve como base entrevistas realizadas em 2018 e 2019 com dez professoras das séries iniciais da rede municipal de Juazeirinho/PB. Essas professoras haviam concluído, em 2018, a participação no Pnaic, uma iniciativa de abrangência nacional que visava qualificar professores para o ensino da alfabetização.

O estudo identificou que, na visão das professoras, a formação continuada é um elemento necessário para o exercício da profissão docente. Constatamos a predominância de três concepções de formação continuada na fala das entrevistadas: 1) a formação continuada como um momento de acessar novos conhecimentos e/ou informações ainda não acessadas pelo professor para a melhoria de sua prática em sala de aula; 2) a formação continuada como momentos de complemento e atualização das propostas de ensino; 3) a formação continuada como o oferecimento de cursos voltados para a aprendizagem de conhecimento práticos, de metodologias que materializam aquilo que já se sabe na teoria.

Para as docentes, a formação continuada contribui para a formação profissional e para o trabalho docente, uma vez que: 1) contribui para a metodologia em sala de aula, ou seja, contribui para a melhoria da prática pedagógica; 2) oportuniza vivências de socialização de práticas pedagógicas com os pares; e 3) contribui para atualizar o docente com “novos” conhecimentos impostos pelas mudanças do mundo globalizado. Quando se investigou a dimensão das contribuições da formação continuada para a prática na atuação profissional, notamos na fala das respondentes uma supervalorização da prática, uma associação direta da formação continuada com momento de aprender conhecimento prático.

Não foi mencionado por nenhuma docente que a formação continuada também pode contribuir para a atuação profissional, embora possa oferecer o acesso a conhecimentos teórico-críticos, acompanhados de reflexões críticas para pensar a educação, inclusive em suas contradições.

Defendemos nesse trabalho uma formação continuada que tenha como base a concepção crítico-emancipadora, ou seja, a concepção que tem como base o princípio da relação entre teoria e prática. Conforme defende Silva (2011), trata-se de uma concepção que valoriza a função docente de ensinar e que busca superar o praticismo, o ensinamento apenas de práticas pela prática. A prática é fundamental para o trabalho docente, mas ela precisa vir guiada por uma teoria que a sustente.

A realidade educacional que vivenciamos nas escolas públicas necessita de professores críticos, reflexivos e comprometidos com a sua transformação. Mesmo sabendo que essa transformação não depende apenas do professor, compreendemos que a formação continuada pode ser um elemento que colabora para a luta por uma educação crítica e emancipadora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977. Disponível em: https://L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf. Acesso em: 27 fev. 2019.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 27 abr. 2024.

CAVALCANTE, Petronio. Formação continuada, profissionalização docente e a complexidade de ser professor. *In*: GHEDIN, E. (org.). **Perspectivas em formação de professores**. Manaus: Editora Valer, 2007.

COUTINHO, Carlos Nelson (org.). **O leitor em Gramsci**: escritos escolhidos 1916-1935. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DUARTE, Newton. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. *In*: MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton (org.). **Formação de Professores**: limites contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 34-49.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

DUARTE, Newton. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. *In*: MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton (org.). **Formação de Professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009. p. 199-234.

GOMES, Cristianguy Quinderé; FRANÇA, Rosangela de Fátima Cavalcante. A concepção da formação continuada no olhar dos professores alfabetizadores. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LA REDE ESTRADO, 11., 2018, México. **Anais [...]**. México, 2018.

OLIVEIRA, Daniela Motta. Política de formação continuada de professores. *In* OLIVEIRA, Daniela Motta. (org.). **Formação continuada de professores: contribuições para o debate**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 17-28.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro. A formação de professores na concepção crítico-emancipadora. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, n. 32, p. 13-31, jan./abr. 2011.